



O Repórter Esso: a primeira vítima da censura de 1964

Luciano KLÖCKNER¹
Ciro Augusto Francisconi GÖTZ²

Resumo:

Por mais de 27 anos, *O Repórter Esso* informou o Brasil nos horários tradicionais e nas surpreendentes edições extras. Devido à censura militar, em pelo menos um momento histórico ele frustrou a sua audiência cativa: 1º de abril de 1964. Quando as tropas do Exército ocupavam as ruas e o presidente João Goulart havia deixado a Presidência da República, “*O Repórter Esso* – a testemunha ocular da história” não pôde falar e os ouvintes ficaram sem saber o que acontecia nos primeiros instantes do golpe civil-militar.

Palavras-chave: *O Repórter Esso*; golpe militar; censura.

The Esso Reporter: the first victim of 1964 censorship

Abstract:

For over 27 years, *The Esso Reporter* informed Brazil during its traditional time slots and extra editions. There was at least one historic moment where it frustrated its captive audience: April 1st, 1964, owing to military censorship. At the time when army troops occupied the streets and President João Goulart had left the Presidency, *The Esso Reporter* – the eyewitness to history” couldn’t speak, leaving its listeners unaware of what was happening in the first moments of the military coup.

Keywords: *The Esso Reporter*; military coup; censorship.

El Repórter Esso: la primera víctima de la censura de 1964

Resumen:

Desde hace más de 27 años, *El Repórter Esso* informa sobre Brasil en épocas tradicionales y en sorprendentes ediciones especiales. Debido a la censura militar, en al menos un momento histórico, frustró a su audiencia cautiva. El 1 de abril de 1964. En el momento en el que tropas de Ejército ocupaban las calles y el presidente João Goulart había abandonado la Presidencia de la República “*El Repórter Esso* – el testigo de la historia” no podía hablar y los oyentes se quedaron sin saber lo que estaba pasando en los primeros momentos del golpe militar.

Palabras clave: *El Repórter Esso*; golpe militar; censura.

¹ Pesquisador integrante do Grupo de Investigação em Rádio Fonografia e Áudio (Girafa), do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista, doutor, PhD em Comunicação Social pela Universidade de Coimbra, em Portugal. *E-mail:* lucianoklockner@gmail.com.br

² Professor substituto no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Jornalista formado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutor e mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* cirogotz@gmail.com



Introdução

Madrugada, manhã de 1º de abril de 1964. Milhões de brasileiros, assustados, viam tanques de guerra a passear pelas ruas do país, liderando pelotões de soldados armados marchando ao longe com o barulho ritmado dos coturnos batendo no solo. Eram os primeiros instantes do golpe civil-militar que se instaurava no Brasil. Ao mesmo tempo, às 7h45, o locutor Fabbio Perez se deslocava para a redação da Rádio Tupi, na rua Sete de Abril, em São Paulo.

Às 8h, ele cumpria um rito diário: apresentar a primeira edição de *O Repórter Esso*. Ao chegar, uma surpresa: havia um oficial do Exército na entrada do estúdio. Perez não realizou a leitura do *script* do noticiário, pois foi barrado pelo militar. Tratou-se de acontecimento histórico, “um dos primeiros atos da censura contra um órgão de comunicação naquele dia” (Klöckner, 2006, p. 4).

Naquele momento fiquei frustrado por não poder transmitir o que estava acontecendo no país. Mas, não posso dizer que foi surpresa, já que o próprio noticiário que eu carregava antevia essa possibilidade. Guardei o *script* que, anos mais tarde, doei ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Nele, pode ser visto tudo o que estava acontecendo naquela manhã histórica. Por alguns dias, um militar do Exército ficou de plantão no estúdio, mas não era um censor. O *script* era preparado fora, pela agência de notícias United Press Internacional, a UPI³, a pedido da agência de propaganda McCann Erickson, que cuidava da conta da Esso. Ninguém da emissora interferia nesse noticiário. O *Repórter Esso* tinha cinco edições diárias, de segunda-feira a sábado. Às 7h55, 12h, 18h30, 20h e 22h. Pouco antes, o *script* era entregue diretamente ao locutor (Perez, 2024, informação verbal)⁴.

O Repórter Esso foi um dos programas mais emblemáticos da radiofonia brasileira. De acordo com Ferraretto (2014, p. 142), é a “principal referência em termos de sínteses noticiosas no Brasil”. O *Esso* permaneceu no ar por mais de 27 anos. A Ditadura Militar, por sua vez, durou 21 anos, de 1964 a 1985. Foi um período de perseguição a opositores, restrição política e controle da imprensa. Em 2024, o golpe civil-militar completou seis décadas.

O artigo em questão tem por objetivo reconstituir o episódio da censura sofrida por Fabbio Perez e fazer uma breve análise das notícias que não foram ao ar naquele dia. Os

³ Em 1958, a United Press Associations (UPA) fundiu-se com a International News Service (INS), surgindo a United Press International (UPI).

⁴ PEREZ, Fabbio. Entrevista por WhatsApp concedida a [Luciano Klöckner e Ciro Augusto Francisconi Götz]. 04 maio 2024. São Paulo; Porto Alegre.

objetivos específicos são: recapitular o momento sociopolítico no país, em 1964, descrever as principais características estruturais e históricas do informativo *O Repórter Esso*, destacar a trajetória profissional do radialista Fabbio Perez e apresentar um breve exame das notícias censuradas que não foram ao ar.

A pesquisa é qualitativa, também descritiva e associada à modalidade de estudo de caso (Yin, 2001), empregando a pesquisa documental (Moreira, 2011) e bibliográfica (Stumpf, 2011). A investigação examinou fontes primárias e secundárias. Além disso, o estudo conta com referências oriundas de entrevista individual (Gaskell, 2014) realizada com Perez, em 2006, 2011 e 2024.

Os aspectos de um golpe: 60 anos do regime militar no Brasil

O regime militar, também conhecido como golpe ou regime civil-militar, que vigorou no Brasil de 1964 a 1985, foi um período de grande impacto na história do país, iniciado pelo golpe de Estado de 1º de abril de 1964, quando as Forças Armadas depuseram o presidente democraticamente eleito João Goulart. Desde o princípio da década de 1960, havia instabilidade no Palácio do Planalto. No dia 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou à Presidência. Naquela época, Jango, como era conhecido o vice-presidente João Goulart, estava desprestigiado por segmentos como o Exército, Igreja, setores da sociedade e alguns políticos influentes, como Carlos Lacerda (Klöckner, 2006).

A crise fundamentalmente ascendeu nos anos seguintes. Na antevéspera do golpe militar de 1964, havia rumores de agitação no Exército. O golpe foi justificado como uma medida para proteger o Brasil do comunismo e restaurar a ordem e a estabilidade. Conforme Queiroz (2023), no dia 1º de abril, João Goulart “chegou em Brasília no meio da tarde e ainda tentou organizar uma resistência, mas não conseguiu. Antes da meia noite, estava com a família em um avião com destino ao Rio Grande do Sul”. De Porto Alegre, o presidente deposto partiu para Montevideu, no Uruguai. No dia seguinte, o cargo da Presidência foi declarado vago e, além disso, Goulart perdeu os seus direitos políticos. “Naquele momento, houve apoio de vários setores da sociedade e as tentativas de resistência foram sufocadas” (Queiroz, 2023).

Durante o regime militar, o país enfrentou um período caracterizado pelo autoritarismo, censura e repressão política. O governo, por exemplo, implementou o Ato Institucional nº 5

(AI-5), em 1968, suspendendo garantias constitucionais e estabelecendo a censura prévia, prisão arbitrária de opositores políticos e cassação de direitos civis. A repressão foi severa, com perseguições políticas, torturas e desaparecimentos de opositores ao regime. Estudantes, artistas, sindicalistas e membros de movimentos sociais foram particularmente afetados. No caso da imprensa, conforme Aarão e Rollemberg (2022), houve meios que foram calados pelo Estado e alguns que construíram impérios empresariais: “A censura, assim, desempenhou papel fundamental na implantação e na consolidação da ditadura, silenciando uns e servindo a outros”. Entre 1964 e 1985, segundo Verdélio (2024), muitos jornalistas foram assassinados.

Vladimir Herzog é o mais conhecido deles, mas há também Djalma Carvalho Maranhão, Ieda Santos Delgado, Jane Vanini, Luiz Eduardo da Rocha Merlino, Luiz Inácio Maranhão Filho, Orlando da Silva Rosa Bonfim Júnior e Wânio José de Mattos.

Economicamente, o regime militar promoveu políticas de desenvolvimento, impulsionando a industrialização. Houve um período de rápido crescimento na década de 1970, conhecido como “milagre econômico”, mas que também gerou desigualdades sociais e concentração de renda (Napolitano, 2014).

Apesar da repressão, parte da sociedade brasileira não permaneceu passiva. Movimentos de resistência e oposição cresceram ao longo dos anos, culminando na reabertura política, na década de 1980. A pressão por eleições diretas e a redemocratização ganharam força, levando à eleição indireta de Tancredo Neves, em 1985, e à promulgação de uma nova Constituição Federal, em 1988. Com o falecimento de Neves, no dia 21 de abril de 1985, José Sarney assumiu a Presidência da República⁵ (Napolitano, 2014).

O Repórter Esso, um ícone do rádio brasileiro

O Repórter Esso marcou uma era no jornalismo radiofônico brasileiro, sendo um dos programas mais icônicos de sua época. O início de sua história ocorreu em 1941, quando a rádio Nacional do Rio de Janeiro lançou um formato de noticiário que oferecia informações

⁵ Ao longo do regime militar, presidiram o Brasil: Humberto Castello Branco (1964-1967), marechal Costa e Silva (1967-1969), general Emílio Médici (1969-1974), general Ernesto Geisel (1974-1979) e general João Figueiredo (1979-1985).

atualizadas, selecionadas e convenientemente organizadas aos ouvintes. Até então, de acordo com Carvalho (2007), a cobertura jornalística no rádio pecava pelo não profissionalismo. Segundo o autor, recortes de jornais, intitulados mais tarde de *giletypress*, eram a base do noticiário, que “consistia em ler páginas de jornal no ar, retransmitindo ao público o que já havia sido publicado no dia” (Carvalho, 2007, p. 1-2).

Patrocinado pela marca comercial de combustíveis Esso, da Standard Oil of New Jersey, o nome *Esso* se tornou sinônimo de qualidade e confiabilidade. Tanto que foram desenvolvidos dois *slogans*: “testemunha ocular da história” e “o primeiro a dar as últimas”. O informativo foi criado pela agência de publicidade McCann-Erickson, junto com a área de Relações Públicas da empresa e a agência United Press Associations (UPA). No princípio, as notícias irradiadas eram oriundas exclusivamente da UP e não havia a característica de abertura e encerramento.

Composta por Pixinguinha e regida pelo maestro Haroldo Barbosa, a vinheta de abertura de *O Repórter Esso* brasileiro marcou época, sendo reconhecida por pessoas de diferentes gerações até hoje, mesmo 40 anos após o fim do noticiário. Os *slogans* seriam outra marca padronizada em todas as suas edições em território nacional. Criados pelo publicitário da *McCann-Erickson*, Emil Farah, “testemunha ocular da história” e “o primeiro a dar as últimas” resumiriam com precisão a filosofia de *O Repórter Esso* (Carvalho, 2007, p. 2).

A primeira edição, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, foi ao ar no dia 28 de agosto de 1941, como ilustra a Figura 1. Em São Paulo, passou a ser retransmitido um mês depois.

Figura 1 – Começo de *O Repórter Esso* no Rio de Janeiro



Fonte: A Noite (1941).

A partir de 1942, o informativo também marcou presença em grandes centros econômicos e políticos brasileiros, como Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. Em um período marcado pela Segunda Guerra Mundial e pela falta de tecnologias como a televisão, *O Repórter Esso* tornou-se uma fonte crucial de informações. O programa era aguardado ansiosamente pelos ouvintes, que se reuniam ao redor dos rádios para ouvir as últimas notícias. Nesse período primordial, os índices de audiência cresceram de forma expressiva nas regiões onde o *Esso* era transmitido.

O american way of life (estilo de vida americano) era propagado no Brasil, trazendo elementos que iam da Coca-Cola ao personagem da Disney Zé Carioca, aliado a grandes projetos estruturais - como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Foi nesse contexto que chegou ao país o programa que é um ícone do radiojornalismo nacional: *O Repórter Esso* (Villela, 2022).

Além de cobrir os acontecimentos globais, *O Repórter Esso* mantinha os ouvintes informados sobre eventos no Brasil e na América Latina, prometendo garantir uma cobertura abrangente e imparcial. De acordo com Villela (2022), na época em que foi lançado, o *Esso* já existia em outros 14 países, irradiado por 60 emissoras. No Brasil, “alguns de seus locutores ficaram marcados pelo enorme prestígio que conquistaram por causa da apresentação do programa. Um deles foi Heron Domingues⁶” (Villela, 2022).

Como explica Villela (2022), inicialmente, a principal pauta do programa estava relacionada a notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, em horários fixos ou extraordinários. As informações do conflito foram essenciais para estimular a curiosidade dos ouvintes.

A massacrante audiência, mesmo havendo ausência de notícias nacionais, fez com que as emissoras concorrentes das transmissoras de *O Repórter Esso* criassem informativos com os mesmos moldes do “testemunha ocular da história”, porém com horários diferentes. A Rádio Tupi do Rio de Janeiro implantou os Sentinelas da Tupi, noticioso de cinco minutos de duração [...] em São Paulo, em 1942, é lançado o Grande Jornal Falado Tupi, que propunha um novo formato de radiojornal, com linguagem mais sintética e objetiva (Carvalho, 2007, p. 4).

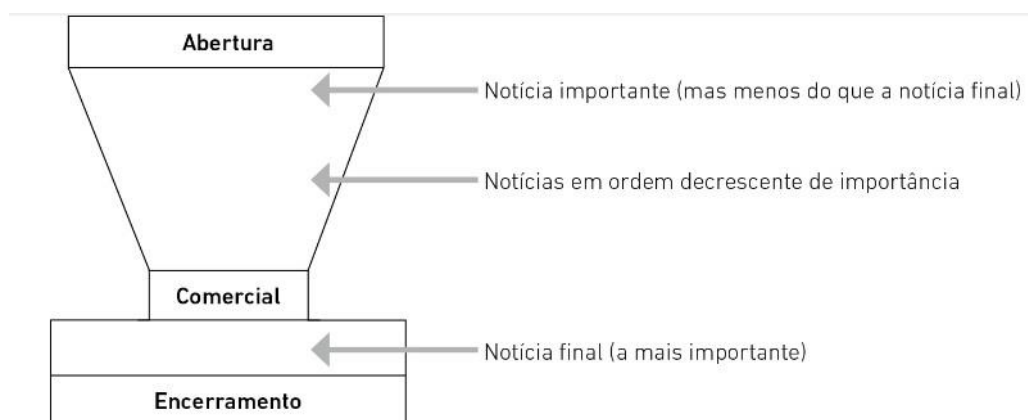
⁶ Apresentou *O Repórter Esso* de 1944 a 1962.

O Repórter Esso tinha a duração de cinco minutos, produzido, portanto, para resumir as notícias de forma objetiva, com vibração e agilidade. “Além da pontualidade, com *O Repórter Esso* surge uma inovadora organização interna das emissoras. É adotada nova forma de estrutura e de rotinas diárias, o estilo norte-americano de fazer [...]” (Klöckner, 2011, p. 47). Com o passar dos anos, o *Esso* tornou-se a principal referência para outras sínteses noticiosas que foram criadas no rádio brasileiro. Síntese noticiosa, explica Ferraretto (2014, p. 140), “trata-se de um tipo de informativo em que as notícias seguem uma hierarquia que joga com a importância destas para o ouvinte, procurando segurar a atenção do público até o final”. Segundo Carvalho (2007), havia uma regra fundamental na produção de *O Repórter Esso*, e que é ainda uma base da função jornalística no contexto da atualidade: a checagem:

Apesar do seu lema, “o primeiro a dar as últimas”, a lei na redação de todas as transmissoras de *O Repórter Esso* era jamais divulgar uma notícia sem antes confirmá-la. Seria melhor não ser “o primeiro” do que ser desmentido ou obrigado a corrigir algo já levado ao ar. Tal regra instituiu uma cultura entre os brasileiros de que um fato só se tornaria verdade caso fosse dito pelo *O Repórter Esso* (Carvalho, 2007, p. 4).

A Figura 2 ilustra o formato adotado pelo *Esso*, no princípio da década de 1960.

Figura 2 – Estrutura de *O Repórter Esso*



Fonte: Ferraretto (2014, p. 143).

Conforme Villela (2022), “o radiojornalismo em geral foi atingido duramente pelo regime militar em 1964 – até mesmo *O Repórter Esso*, que tinha uma linha editorial cuidadosa para não desagradar a governos e autoridades”. O *Esso* continuou suas transmissões até 1968. Foi ao ar pela última vez no dia 31 de dezembro daquele ano, no Rio de Janeiro, na locução de Roberto Figueiredo, na rádio Globo. Na televisão⁷, também deixou um legado duradouro no jornalismo brasileiro. Mesmo após o encerramento das atividades, o *Esso* permanece como um símbolo da importância da comunicação clara e objetiva na divulgação de notícias.

Fabbio Perez, uma trajetória de sucesso no rádio e na TV

O jornalista Fabbio Perez nasceu em 1936, na cidade de Jundiaí, no estado de São Paulo. De acordo com matéria especial do Memória Globo (2022), Perez começou a carreira na Rádio Difusora jundiaense. Em 1960, foi contratado como locutor da Rádio e TV Tupi, onde assumiu a titularidade do *Grande Jornal Falado Tupi*. Apresentou o telejornal *Edição Extra*, na companhia de Maurício Loureiro Gama.

O princípio da década de 1960 seguiu produtivo para Fabbio Perez. Em 1962, foi locutor fundador do tradicional programa *Primeira Hora*, da Rádio Bandeirantes. Em 1963, foi aprovado em concurso para assumir a locução de *O Repórter Esso*, onde permaneceu até 1965. Na disputa, Perez concorreu com outros 400 candidatos e substituiu Dalmácio Jordão (Klöckner, 2006). A Figura 3 destaca Perez na primeira edição que fez de *O Repórter Esso*.

Após a passagem pelo *Esso*, Perez apresentou o telejornal *Diário de São Paulo*, na TV Tupi. Em seguida, atuou ao longo de cinco anos na TV Cultura. Em 1975, Fabbio Perez começou a trajetória na Globo, em São Paulo, na edição de telejornais de rede e locais. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1978, para assumir a vaga de editor-chefe do telejornal *Amanhã*. Com Ronan Soares, editou o programa de entrevistas e debates *Globo Revista*. “Políticos como Leonel Brizola, Jânio Quadros e Tancredo Neves passaram pelo *Globo Revista*, um marco para a distensão política no país” (Memória Globo, 2022).

⁷ A estreia do programa na televisão aconteceu em 1952, onde permaneceu até 1970.

Figura 3 – Jornalista Fabbio Perez



Fonte: Perez (1963).

Entre 1979 e 1981, Fabbio Perez foi editor-chefe do *Jornal da Globo* e, depois, editou o *Jornal Hoje*. Em 1982, passou a atuar no *Jornal Nacional*, onde participou de coberturas importantes como a morte de Tancredo Neves, em 1985, e a promulgação da Constituição Federal, em 1988. No ano de 1990, Perez assumiu o Departamento de Jornalismo da Globo, em Brasília. No princípio da década de 1990, ainda ocupou o cargo de editor-chefe do *Fantástico*, do *Globo Repórter* e a direção executiva do *Jornal da Globo*, em São Paulo. Nessa mesma década, ainda foi editor e apresentador do programa *Globo Rural* (Memória Globo, 2022).

Fabbio Perez destacou-se, também, como locutor oficial da *Missa do Galo*, a partir de 1980. Nesse mesmo ano, narrou a cobertura da visita do Papa João Paulo II no Brasil, e repetiu a função durante as missas do Papa Bento XVI, em 2007 (Memória Globo, 2022).

Em 2004, começou um projeto de locução de produções da Globo sobre o meio ambiente. “Até o fim de 2018, Fabbio editou e narrou 114 boletins semanais ABC da Amazônia e editou 362 boletins semanais Globo Natureza” (Memória Globo, 2022). A Figura 4 destaca

os locutores Roberto Figueiredo⁸, Lauro Hagemann⁹ e Fabbio Perez durante encontro especial, em 2011, no Rio Grande do Sul.

Figura 4 – Encontro de locutores do *Esso*¹⁰



Foto: Patrícia Cardona Garcia (2011, p. 319)¹¹.

Primeira edição censurada de *O Repórter Esso* em 1º de abril: uma reconstituição

Nos primeiros anos, *O Repórter Esso* não sofreu censura no Brasil, por uma particularidade: as notícias irradiadas provinham apenas da United Press Associations (UPA), e praticamente todas eram do exterior. Isso perdurou até a Segunda Guerra Mundial. Com o passar dos anos, porém, o *Esso* começou a transmitir destaques regionais e nacionais em suas edições. Em uma ocasião, o presidente Getúlio Vargas questionou a ausência de notícias sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) no programa e revogou uma lei que impedia agências

⁸ Conhecido como locutor que apresentou a última edição de *O Repórter Esso*, em 31 de dezembro de 1968. Faleceu em 2021, aos 87 anos (G1, 2021).

⁹ Nasceu em Santa Cruz do Sul (RS), em 23 de julho de 1930, e faleceu em 2015, aos 84 anos. Além de comunicador, também foi político (G1, 2015).

¹⁰ O encontro foi promovido pelos professores da RadioFam, emissora da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Famecos/PUCRS) na internet, como homenagem comemorativa aos 70 anos da primeira edição de *O Repórter Esso* no Brasil. Da esquerda para a direita: Roberto Figueiredo, Lauro Hagemann e Fabbio Perez.

¹¹ Foto publicada no livro de Luciano Klöckner *O Repórter Esso, a síntese radiofônica mundial que fez história* (2011).

internacionais de divulgarem notícias do Brasil, tal era o prestígio do informativo (Klöckner, 2006).

A Standard Oil New Jersey, patrocinadora do *Esso*, tinha uma política cautelosa quanto a assuntos, principalmente, de caráter polêmico e que poderiam afrontar uma nação e, por consequência, gerar prejuízos econômicos para a empresa. O procedimento¹² era padrão em todos os países em que o programa era irradiado (Klöckner, 2006).

As notícias veiculadas em *O Repórter Esso*, portanto, deveriam ter uma natureza imparcial, apartidária, sem polêmicas e sem caráter opinativo. As declarações deveriam sair, apenas, das autoridades como presidente, governadores ou ministros. Todas essas recomendações tinham como objetivo evitar prejuízos para a United Press Associations (UPA) e, por consequência, para as emissoras que veiculavam o *Esso*.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, cogitou-se retirar O Repórter Esso do ar, porém, houve muitos protestos por parte de sua audiência, o que levou a seus produtores a fazer uma reunião e decidir sobre o futuro do noticiário. Resolveu-se então mantê-lo e divulgá-lo também com informações nacionais e regionais. Dentro dos cinco minutos em que já se incluíam o tema de abertura e encerramento e um intervalo, as notícias passariam então a ser divididas em 40% para os fatos nacionais, outros 40% para os acontecimentos regionais (estes escolhidos por suas transmissoras locais) e outros 20% para o noticiário internacional (Carvalho, 2007, p. 5).

Em 1955, houve uma das primeiras tentativas de censura a *O Repórter Esso*. Ocorreu com Lauro Haggemann, em Porto Alegre. Na ocasião, Juscelino Kubitschek buscava assumir a Presidência da República. As agências de São Paulo e do Rio de Janeiro estavam proibidas de divulgar o fato. Porém, a Rádio Farrroupilha tratou do tema em todas as edições extraordinárias do *Esso*. Quando os censores se deram conta, as notícias já haviam sido irradiadas (Klöckner, 2006).

No dia 1º de abril de 1964, a expectativa dos ouvintes pela edição das 8h era grande. Com a fuga de Jango para o Rio Grande do Sul, o Exército iniciou a tomada do poder no Brasil.

¹² A síntese noticiosa obedecia a um manual intitulado *Instruções básicas para a produção de O Repórter Esso no rádio: orientação geral e sugestões para as estações de rádio, locutores e a United Press Associations (UPA)*. Esse material orientava produtores, redatores, editores e locutores. A inspiração foi no *Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina*, publicado em 1944, que consagrou praticamente a metade da edição de 43 páginas para *El Reporter Esso*.

Às 7h45, o jornalista Fabbio Perez partiu para a redação da Rádio Tupi, na rua Sete de Abril, em São Paulo, para apresentar a primeira edição de *O Repórter Esso* daquele dia. Ao chegar na emissora, recebeu uma cópia do roteiro do redator Belmiro Madeira. Contudo, Perez não pôde realizar a apresentação do informativo, pois foi barrado por um oficial do Exército, na entrada do estúdio. O jornalista guardou as cinco laudas (folhas de papel em formato A-4) com as 17 notícias (Klößner, 2006).

Perez voltou à sua casa e aguardou um telefonema que lhe dissesse para voltar à Rádio para transmitir as outras edições do dia 1º de abril de 1964, mas seu telefone não tocou e ele só retornou para o estúdio no dia seguinte, para a locução de uma nova edição de *O Repórter Esso*, com um novo roteiro. Aquele, do dia anterior, Perez escondeu no meio de suas roupas antes que lhe fosse tomado o documento histórico. A edição que não foi ao ar continha apenas notícias verdadeiras. *O Repórter Esso* da Rádio Tupi foi censurado porque só iria ao ar contando a verdade, caso contrário não seria transmitido e foi isso que aconteceu (Carvalho, 2007, p. 7).

O episódio constituiu-se em uma das primeiras medidas de censura a um meio de comunicação pelo novo regime. No mesmo dia, houve uma série de tramitações entre a UPI, a McCann-Erickson e os militares. Ainda no dia 1º, o *Esso* foi ao ar a partir da segunda edição, às 12h55 (Klößner, 2006)

Perez (2006, informação verbal)¹³ não soube explicar se no Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, *O Repórter Esso* também sofreu censura. Carvalho (2007), por outro lado, cita que o autor Hélio Gaspari, no livro *A ditadura envergonhada*, afirma que, no Rio de Janeiro, o programa teria ido ao ar às 8h, mas, com notícias inventadas.

Todos estavam procurando informações. É claro que as emissoras de rádio recebiam muitos telefonemas, querendo saber o que ocorria, pois a divulgação dos fatos estava completamente proibida, estava censurada. E isso que foi mais dramático para nós radialistas e jornalistas. Justamente na hora que tudo estava acontecendo, ninguém sabia de nada. A censura foi geral, atingindo o Estadão, a Folha. Por isso, creio que a notícia de que *O Repórter Esso* não fora ao ar, também não saiu. E todos os veículos tiveram esse acompanhamento da censura por muito tempo. Houve uma reação dos jornalistas, uma reação branca, quando os jornais publicaram poesias, receitas de bolo e outros absurdos, nos lugares das notícias censuradas. Já o rádio e a televisão estavam sob censura total (Perez, 2006).

¹³ PEREZ, Fabbio. Entrevista concedida a [Luciano Klößner]. 29 abr. 2006, Porto Alegre.

Nos dias seguintes, Perez chegou a ser acompanhado por um militar, no estúdio, que ainda conferia, antes, o *script* do programa. O oficial verificava o texto, na busca de inclusões ou supressões de termos, além de examinar a leitura e a entonação. Mais adiante, os militares passaram a monitorar por telefone, observando e proibindo a veiculação de determinados assuntos.

Esse procedimento se estabeleceu durante todo o regime militar. Durou anos. Naqueles primeiros dias, lembro que havia alguns assuntos proibidos, por exemplo, não era permitido falar de movimentos contrários à Revolução. Só poderiam sair notícias consideradas “normais”, informações internacionais, assuntos de interesse geral. Agora, de política quase nada, ou nada nos primeiros dias. Uma exceção: os pronunciamentos oficiais, do novo presidente Castelo Branco, das autoridades que estavam sendo constituídas. Isso era o noticiário, que provinha do governo, como sempre ocorre em momentos como esse. Agora, as vozes contrárias não tinham vez, nenhuma possibilidade de irem ao ar (Perez, 2006).

Fabbio Perez preservou as laudas com as 17 notícias até 1988, quando realizou a gravação do material, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. Na ocasião, 24 anos após a censura, a Rede Globo produziu uma reportagem especial para registrar o fato. Em depoimento, Fabbio Perez (1988) declarou:

Reportagem: O que você sentiu na hora que você não pôde ler essas notícias, quando aquela edição de O Repórter Esso não foi ao ar?

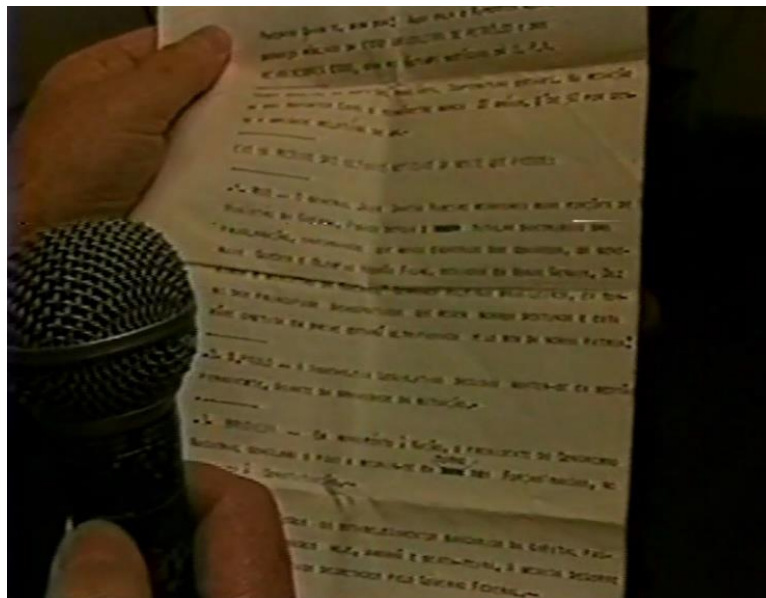
Perez: Frustração. Porque eu achei que, naquele momento, milhões de brasileiros estavam angustiados, esperando informações sobre o movimento militar, nós fomos impedidos de colocar esse noticiário no ar.

Reportagem: Chegou a ficar emocionado ao ler essas notícias hoje?

Perez: É, eu li assim com uma certa ponta de saudade de O Repórter Esso, que foi uma das coisas mais significativas que aconteceram no radiojornalismo brasileiro.

O *script* original, como ilustra a Figura 5, foi doado ao acervo do MIS.

Figura 5 – *Script* original de *O Repórter Esso* de 1º de abril de 1964



Fonte: Perez (1988).

A Figura 6 ilustra um dos momentos da gravação histórica, em imagem captada pela reportagem da Rede Globo.

Figura 6 – Fabbio Perez em gravação do informativo censurado de *O Repórter Esso*



Fonte: Perez (1988).

Apenas duas pessoas, além de Perez, tinham conhecimento do roteiro que foi guardado no dia 1º de abril: o redator Belmiro Madeira e o próprio militar. As 17 notícias são as seguintes:

(((*TUPI)))

/1/4/64 – 8:00/

Prezado ouvinte, bom dia! Aqui fala O Repórter Esso, um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo e dos Revendedores Esso, com as últimas notícias da U.P.I.

Tempo nublado na capital paulista. Temperatura estável. Na redação do seu O Repórter Esso, o termômetro marca 22 graus. É de 92 por cento a umidade relativa do ar.

Eis um resumo das últimas notícias da noite que passou:

-1- Rio -- O general Jair Dantas Ribeiro reassumiu suas funções de Ministro da Guerra. Pouco depois o titular distribuiu uma proclamação, informando que havia exonerado dos comandos, os generais Guedes e Olímpio Mourão Filho, sediados em Minas Gerais. Diz ainda o Ministro da Guerra: “Cerramos fileiras brasileiros, em torno dos princípios democráticos que regem nossos destinos e esta fase crítica em breve estará ultrapassada pelo bem da nossa pátria”.

-2- S.Paulo -- A Assembléia Legislativa decidiu manter-se em sessão permanente, diante da gravidade da situação.

-3- Brasília -- Em manifesto à Nação, o presidente do Congresso Nacional conclama o povo a reunir-se em torno das Forças Armadas, no respeito à Constituição.

-4- S.Paulo -- Todos os estabelecimentos bancários da capital paulista estarão fechados hoje, amanhã e sexta-feira. A medida decorre de feriados bancários decretados pelo Governo Federal.

-5- S.Paulo -- Em vista da gravidade da situação nacional, a Câmara de Vereadores decidiu permanecer em reunião permanente.

Esso -- 8 hrs – 1/4/64

E agora, as primeiras notícias do dia:

-6- S.Paulo -- É de absoluta tranqüilidade a situação em São Paulo apesar dos acontecimentos que se desenvolvem em todo o País. O comércio e a indústria deverão funcionar normalmente no dia de hoje. Também as repartições públicas, as escolas e outras atividades, estarão funcionando sem interrupção.

-7- S.Paulo -- O governador Adhemar de Barros voltou a falar ao povo nas primeiras horas da manhã de hoje. O chefe do Executivo paulista chamou a

atenção da população para a hora grave que atravessa o País e conclamou a todos a se manterem em calma e confiantes nas autoridades.

-8- S.Paulo -- O general Amaury Kruel, em manifesto às Forças Armadas e à Nação, anunciou que o Segundo Exército acabava de “assumir grave responsabilidade, com o objetivo de salvar a pátria em perigo, livrando-a do jugo vermelho”. “O Segundo Exército -- declara o manifesto -- ao dar este passo, de extrema responsabilidade, para a salvação da pátria, manter-se-á fiel à Constituição e tudo fará, no sentido da manutenção dos poderes constituídos, da ordem e da tranqüilidade”.

-9- Rio -- A Presidência da República distribuiu nota historiando os acontecimentos que tiveram início no estado de Minas Gerais. Finaliza a nota informando que espera “o Governo Federal comunicar oficialmente, dentro em pouco, o restabelecimento total da ordem no Estado”.

-10- S.Paulo -- O Governador Adhemar de Barros expediu ordens para requisição de todos os depósitos de óleo combustível e de gasolina existentes no estado. Determinou também a imediata ocupação da Baixada Santista por contingentes da Força Pública.

-11- S.Paulo -- Em contato com várias fábricas da capital paulista, a reportagem foi inteirada que a situação é de completa normalidade. Todos os parques fabris de São Paulo encontram-se em pleno funcionamento. O mesmo ocorre com o comércio e com os transportes.

-12- Rio -- O Palácio da Guanabara informou hoje às três horas da madrugada, que fuzileiros navais se postaram ante aquele Palácio, que está sendo custodiado por forças da Polícia Militar do Estado. Acrescenta que os fuzileiros se limitaram a tomar posições ante o Palácio.

-13- Recife -- O governador Miguel Arrais afirmou que reina calma em Pernambuco e assegurou que “nossa posição é a mesma, de apoio à Legalidade, aos princípios democráticos, às liberdades do povo e às prerrogativas do Presidente da República. Estamos lutando para que haja concórdia e se extinga o clima de desconfiança reinante.

-14- Belo Horizonte -- Em manifesto à Nação, o governador Magalhães Pinto, reafirma o propósito do povo mineiro de assegurar a Legalidade. “A coerência impõe-nos solidariedade a esta ação patriótica e ao nosso lado estão os mineiros, sem distinção de classe e condições, pois não pode haver divergência, quando está em causa o interesse vital da nação brasileira.

-15- Rio -- O ministro Abelardo Jurema, da Justiça, confirmou que o almirante Araújo Suzano assumiu a chefia do Estado Maior da Esquadra.

-16- S.Paulo -- Porta-voz da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí informou à UPI que todas as atividades daquela ferrovia estão paralisadas desde as primeiras



horas da manhã de hoje. Não corre nenhuma composição nos troncos daquela ferrovia.

... E agora ...

(TÉCNICA: JINGLE “FLIT”)

(PAUSA) – E eis a última notícia:

-17-Rio -- A Guanarabara amanheceu hoje sob os efeitos de uma greve geral. Estão paralisados os trens da Central do Brasil e da Leopoldina. Também estão paralisados os serviços de barcas e lanchas entre Rio e Niterói, os transportes coletivos, o porto, as empresas aéreas e outras atividades. A greve geral decretada pelo CGT terá duração indeterminada, abrangendo a Guanabara e diversos estados do território nacional.

O Repórter Esso voltará ao ar logo mais às 12 horas e 55 minutos. Até lá, muito bom dia! ... E lembre-se ... Dá gosto parar num posto Esso.

BM (iniciais do redator Belmiro Madeira) (Museu da Imagem e do Som, 1988).

Breve exame das notícias que não foram ao ar

Uma pergunta que persegue os pesquisadores há décadas: a censura leu ou passou os olhos pelas notícias da edição que não foi ao ar de *O Repórter Esso*? Uma breve análise das informações pode dar algum indício de resposta.

O noticioso foi composto de 21 espaços. Em um exame preliminar, grosso modo, as notícias foram agrupadas nas seguintes categorias: a) informativas; b) opinativa; c) defesa da democracia e da Constituição; e d) ideológica, opinativa com medida de força.

Da categoria informativa, letra “a”, constam nove (9) espaços: a hora, a abertura e o encerramento do noticioso e a previsão do tempo, além das notícias 4, 6, 9, 11 e 16. Na opinativa, letra “b”, foi categorizada a notícia 7. Em defesa da democracia, letra “c”, foram elencadas seis (6) notícias: as de números 1, 2, 3, 5, 13, 14. E na categoria ideológica, opinativa com medida de força, letra “d”, entraram cinco (5) notícias: 8, 10, 12, 15 e 17.

Numa análise mais acurada, é possível perceber que essa edição de *O Repórter Esso* estava bem equilibrada. Dos 21 espaços, nove (9) foram informativos, pouco menos da metade da síntese; seis (6) defenderam a democracia e a Constituição; cinco (5) se caracterizaram como notícias de cunho ideológico, demonstrando certa força aos protagonistas do golpe; e tão somente uma (1) teve caráter opinativo.



Em geral, a maioria das notícias apresentava o intuito de tranquilizar a população; portanto, acreditamos que elas não foram lidas pelo censor ou censores, e a proibição simplesmente deve ter sido lançada pelo alto escalão civil-militar do golpe, preocupado com a presumível repercussão que *O Repórter Esso* poderia causar no público. Resumindo: o ato de censura foi uma medida preventiva, cortando o possível “mal” pela raiz.

Considerações finais

No princípio, *O Repórter Esso* só podia irradiar notícias de uma única agência oficial: a UP, depois UPI. Após anos de grande sucesso, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, com o tempo, acabou perdendo em competitividade, pois outros noticiosos passaram a concorrer com ele nos itens atualidade e credibilidade da informação. Contudo, o programa cumpriu a sua missão em diferentes âmbitos, como o político e o social.

Além disso, o *Esso* entrou para a história como modelo de síntese noticiosa para outros programas produzidos por emissoras de rádio e televisão em todo o Brasil e nos países americanos. Predicados como a pontualidade, a imparcialidade e o texto sucinto podem ser observados em diversos noticiários do gênero nas rádios e televisões brasileiras.

A pesquisa, envolvendo um estudo de caso, teve o propósito de não só reconstituir o episódio da não leitura de *O Repórter Esso* em 1º de abril de 1964, em São Paulo, mas analisar, mesmo que brevemente, as notícias que não foram ao ar. O exame mostrou que o noticiário estava equilibrado e predominantemente informativo. Em outras palavras, a censura imposta ao *Esso* somente prejudicou o esclarecimento da população e os propósitos do novo regime. Nesse ponto, o prejuízo maior dessa ação: sonegar informações ao povo, ferindo de morte a Constituição.

A tarefa do pesquisador não para por aí. O levantamento permanece ativo, visando a ter ciência se houve outros casos de censura que ainda não estão convenientemente contados em outras praças onde o *Esso* era irradiado. São questões à espera de respostas. Como destacou Carvalho (2007), citando a obra *A ditadura Envergonhada*, de Hélio Gaspari, no Rio de Janeiro, nesse dia, o *Esso* teria ido ao ar às 8h, com notícias inventadas. Esse, por si só, é um fato que atenta aos preceitos do jornalismo e que deve ser esclarecido. Para tanto, a pesquisa histórica é fundamental.

Por outro lado, há que se destacar a consciência profissional de Fabbio Perez. Jornalista e radialista com uma trajetória exitosa por onde passou, conferiu ainda mais credibilidade a *O Repórter Esso*. E, no momento fundamental da história deste país, quando a censura calou muitas vozes, teve a frieza de guardar o noticioso nas suas vestes, reconhecendo a importância histórica daquele ato e projetando uma ação para o futuro. Ela veio. Vinte e quatro anos se passaram até que Fabbio Perez pôde ler, como se ao vivo fosse, as 17 notícias da edição das 8h do dia 1º de abril de 1964. Desde 1988, o documento sonoro consta do acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. Na homenagem comemorativa aos 70 anos de *O Repórter Esso*, em Porto Alegre (RS), ele regravou as notícias que ficaram fora do ar, 47 anos depois. Tanto em 1988 quanto em 2011, foram propostas reflexões sobre as ameaças à democracia de regimes autoritários diversos, como foi o caso do militar, há 60 anos. Ao lado das reflexões, a importância em realizar ações, mesmo que individuais, como a de Fabbio Perez, para que jamais se esqueça que a Imprensa nasceu para ser livre e para bem informar o seu verdadeiro patrão: o povo.

Referências

AARÃO, Daniel; ROLLEMBERG, Denise. Censura nos meios de comunicação. **Memórias Reveladas**. Arquivo Nacional, Memórias Reveladas. [S. l.]: Gov.br, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/censura-nos-meios-de-comunicacao>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CARVALHO, Leonardo Morato de. O Repórter Esso - testemunha ocular da história paulista. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos, SP. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2007, p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0519-1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus: 2014.

G1. Comunicador e ex-político gaúcho, Lauro Hagemann morre aos 84 anos. G1, 12 mai. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/comunicador-e-ex-politico-gaucha-lauro-hagemann-morre-aos-84-anos.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

G1. Roberto Figueiredo, último locutor de O Repórter Esso, morre no Rio. **G1**, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/27/roberto-figueiredo-ultimo-locutor-do-reporter-esso-morre-no-rio.ghtml>. Acesso em 21 mar. 2024.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 64-89.

KLÖCKNER, Luciano. Fora do ar: o dia em que O Repórter Esso foi censurado. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 4., 2006, São Luiz. São Luiz: Alcar, 2006. p. 1-15.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso, a síntese radiofônica mundial que fez história**. 2. ed. Porto Alegre: AGE: Edipucrs, 2011.

MEMÓRIA GLOBO. Fabbio Perez. Memória **Globo**, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/fabbio-perez/noticia/fabbio-perez.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.

MUSEU da Imagem e do Som. Script O Repórter Esso 1º de Abril de 1964. [manuscrito]. 1988. Acervo do Museu da Imagem e do Som.

NAPOLITANO, Marcos. **1964 – História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014.

PEREZ, Fabbio. Jornalista Fabbio Perez. [fotografia]. 1963. Acervo de Fabbio Perez.

PEREZ, Fabbio. Fabbio Perez: depoimento. [Entrevista cedida à Rede Globo]. **Rede Globo**, São Paulo, 2010.

QUEIROZ, Glauco de. Golpe militar completa 59 anos neste sábado. **Agência Brasil**, 1 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/golpe-militar-completa-59-anos-neste-sabado>. Acesso em: 20 abr. 2024.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

VERDÉLIO, Andreia. Jornalistas foram perseguidos e torturados por resistência à ditadura. **Agência Brasil**, 7 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos->



humanos/noticia/2024-04/jornalistas-foram-perseguidos-e-torturados-por-resistencia-a-ditadura. Acesso em: 20 abr. 2024.

VILLELA, Sumaia. Cem anos do rádio no Brasil: conheça a história de O Repórter Esso. **Agência Brasil**, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-conheca-historia-do-reporter-esso>. Acesso em: 20 abr. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Submetido em: 08.05.2024

Aprovado em: 25.07.2024

